

LINGUAGENS SOBRE JESUS (2)

Coleção TEMAS BÍBLICOS

- A antropologia pastoral de Paulo, J. M. O'Connor, op
- A Igreja doméstica nos escritos de Paulo, V. Branick
- Paulo para os conquistados: reimaginando a missão de Paulo, Davina C. Lopez
- Jesus, libertador da mulher, Emile Eddé
- Linguagens sobre Jesus (1) - As linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal, J. B. Libanio, Carlos Cunha
- Linguagens sobre Jesus (2) - Linguagens narrativa e exegética moderna, J. B. Libanio

J. B. LIBANIO

LINGUAGENS SOBRE JESUS (2)

LINGUAGENS NARRATIVA
E EXEGÉTICA MODERNA



PAULUS

Direção editorial: Zolferino Tonon
Assessoria bíblica: Paulo Bazaglia
Assistente editorial: Jacqueline Mendes Fontes
Revisão: Márcia Elisa Rodrigues
Iranildo Bezerra Lopes
Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva
Capa: Marcelo Campanhã
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Libanio, J. B

Linguagens sobre Jesus: linguagens narrativa e exegética moderna / J. B Libanio. — Vol. 2 —
São Paulo: Paulus, 2012. — (Coleção Temas bíblicos)

ISBN 978-85-349-3309-4

1. Cristianismo 2. Jesus Cristo - Historicidade 3. Jesus Cristo - Pessoa e missão 4. Literatura
sobre Jesus Cristo 5. Teologia cristã I. Título. II. Série.

11-10524

CDD-232.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo: Vida: Linguagens e
interpretações: Cristologia 232.901

1ª edição, 2012

© PAULUS – 2012
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3309-4

LINGUAGEM TEONARRATIVA

1. Nível introdutório

O ser humano, extremamente criativo, inventa linguagens para exprimir-se. A cultura, ao longo da história, valoriza-as diferentemente conforme os contextos em que se usam.

Depois da virada científica na modernidade, as ciências impuseram-se quase exclusivamente ao deslocar as outras linguagens para o cotidiano, para as realidades irrelevantes. Nesse movimento de escanteio, a narração, especialmente a que se refere, aparentemente, mais a estórias que à história, se eclipsou.

No entanto, veio a “reação ao domínio do cálculo e à impersonalidade de um mundo de fabricação e de objetos” por meio da aspiração de encontrar as raízes num passado que se narra.¹ Com efeito, ultimamente descobrimos a profundidade, a pluralidade de formas e a riqueza da linguagem narrativa. Não revela mentalidade primitiva e atrasada, mas encerra sabedoria, conteúdo e merece a atenção teórica. Nela existem elementos que passam despercebidos em leitura rápida e superficial. E, no campo religioso, desempenha papel ainda mais importante.

¹ MARLÉ, René. *La théologie, un art de raconter? Un projet de théologie narrative. Études*, n. 358/1, p. 123, 1983.

Permanece aberto estudo profundo sobre a natureza da narração. Apostamos na natureza narrativa do ser humano.

Há, porém, um problema ainda não dilucidado: a mesma noção de narração. Que é a narração? A estas alturas, na era pós-narrativa, não dispomos de uma teoria da narração propriamente dita de rigor científico. Embora ninguém, por outra parte, se atreva a duvidar de que o ser humano é espontânea e instintivamente narrador. Fascina-nos narrar, recriar com palavras nossas peripécias diárias.²

2. Narração como teoria

2.1 Significado da teoria narrativa

A pretensão da teoria consiste em tornar determinada realidade inteligente e transparente para a mente humana. A narrativa desafia-nos com a complexidade de sua construção. Aparentemente simples e ingênua, carrega elementos a serem elucidados. Resiste ao reducionismo cartesiano de entender o real unicamente a partir de conceitos, como se eles dessem conta totalmente da realidade. Julga que somente as ideias claras e distintas oferecem intelecção do real. Leda ilusão! Há tanto mistério e beleza na vida que escapam à estreiteza do conceito. A vida merece ser trabalhada em níveis diferentes de inteligência. A narração abarca amplo campo da vida humana.

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada

² MORENO ORTEGA, Resty. Teología narrativa (reseña bibliográfica: 1970-1990). *Moralia. Revista de Ciências Morales*, 13, n. 4, p. 415, 1991.

de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.³

2.2 Importância do simbólico

A narração alimenta-se do simbólico. Apresenta novo modo de aprender, interpretar e entender a realidade, como maneira diferente de abordar os objetos de conhecimento, sem prender-se unicamente aos conceitos.

Transmite realidades fundamentais da experiência humana sob a forma de estórias. Passa a voz-evento para a palavra e torna-a acessível a uma comunidade. Sobre ela, existem muitas teorias que lhe explicitam e aprofundam os elementos: quem narra, quando, como, interesses, perspectivas etc. Pululam maneiras de narrar.

A força da narração consiste em tornar entendido o narrado, não principalmente pela via do conceito. O universo conceitual não dá conta de tudo. A narração contém elementos que ultrapassam as formalizações conceituais. Condensa, simplifica, torna mais acessíveis eventos fundadores da existência humana. Haja vista o exemplo do Credo do Dt 26,5-9.

Percebe-se sem mais que aqui (Dt 26,5-9) se trata de outro tipo de linguagem. A linguagem do Credo histórico-salvífico de Dt 26 não é argumentativa, nem apelativa, mas narrativa. Quer dizer, comunica-se um evento. A comunicação desse acontecimento acontece aqui concretamente na forma de uma confissão. Mas evidentemente é linguagem narrativa [...]. Narrativo significa – como oposto a argumentativo e apelativo – muito simplesmente, que um acontecimento é comunica-

³ BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa, in: BARTHES, Roland et al. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 19.

do, não importa sob que forma. *Narratio* não deve, portanto, de modo nenhum, ser equiparada com o gênero concreto do narrar, mas implica algo muito mais profundo.⁴

A narração recorre com frequência aos símbolos. O filósofo francês Ricoeur e outros têm mostrado a enorme relevância do símbolo no mundo religioso, na teologia. Em sugestivo título de livro, Ricoeur diz que o símbolo leva a pensar.⁵ Prolongando o símbolo, as metáforas, as imagens, os mitos enriquecem a linguagem narrativa. A própria verdade assume dimensão dinâmica e supera-se o caráter abstrato e impessoal.

2.3 Presença do mito

O mito merece atenção especial, porque sobre ele gira polêmica. Há o preconceito racionalista de que ele pertence ao mundo arcaico, primitivo no sentido pejorativo, infantil. E apela-se para a vitória do *logos* sobre ele nos albores da filosofia grega. Essa batalha repercutiu naturalmente com força na cultura ocidental que desvalorizou a narrativa.

No entanto, o mito traduz, em forma descritiva, espacial e sensível, realidades profundas. Forma ancestral do conhecimento humano a narrar os dilemas universais da existência humana. Algo tão carregado de história só pode encerrar maravilhosa riqueza. Visualiza, em linguagem popular, experiências arquetípicas do ser humano. Capta-lhes a riqueza.

Outro pensador francês, Lévi-Strauss, atribui relevância única ao mito, não só no sentido do fruto de pesquisas antropológicas junto a povos primitivos, como também, como ele mesmo confessa, por causa de experiência própria. Afirma que os mitos “despertam no Homem pensamentos que lhe são desconhecidos” e por detrás da sua aparente desordem, há uma

⁴ LOHFINK, Gerhard. *Erzählung als Theologie. Stimmen der Zeit*, 99, n. 8, p. 522, 1974.

⁵ RICOEUR, Paul. Le symbole donne à penser, *Esprit*, 27, n. 275, p. 60-76, 1959; ver também: RICOEUR, Paul. *L'herméneutique biblique*. Paris: Cerf, 2001.

ordem. Vale dizer o mesmo da narração que traduz, no fundo, ordem profunda que se busca entender, embora se redija de muitas formas.

As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação “fantasiosa” da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás desta desordem aparente – e era tudo.⁶

2.4 Os contos de fadas

A narração tem enorme força de acordar-nos para o significado. Ela goza de especial qualidade de organizar elementos dispersos dentro de uma estória e arrumar no interior das pessoas certas desorganizações. Só existe significado onde e quando se estabelece certa ordem em aparente caos.

Quem tem mínima experiência de narrar contos de fadas e estórias para crianças percebe como elas trabalham tais narrações, dando sentido a sentimentos e tumultos interiores, aparentemente caóticos. Há mais de 20 anos que conto na missa das crianças tanto o Evangelho em forma narrativa como outras estórias. Encontrei no renomado psicólogo infantil Bruno Bettelheim justificativa teórica para tal experiência.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e lhe tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, su-

⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 23.

gerir soluções para os problemas que a perturbam. [...] Sob estes aspectos e vários outros, no conjunto da “literatura infantil” – com raras exceções – nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico.⁷

A narrativa ilumina os problemas afetivos. Põe ordem no turbilhão de sentimentos interiores. Oferece-lhes soluções, para além de determinada situação, especialmente pela via dos valores. Toca o universal humano quando retrata algum valor absoluto, vestido sob a forma simples de estória. A expressão simbólica põe, sobretudo, as crianças e as pessoas menos intelectualizadas em contacto com os problemas reais, facilita-lhes trabalhá-los. Toca o mundo do sentido, sem o qual o ser humano não vive feliz.

A narração permite leituras diversificadas por parte de pessoas diferentes ou mesmo da mesma pessoa em momentos distintos da vida. Imagino que, na missa das crianças, elas e os adultos de dessemelhantes níveis culturais que ouvem as mesmas estórias as elaboram dissimilarmente. Riqueza que o mundo conceitual, técnico, analítico possui em grau menor. As releituras das narrativas trazem lembranças passadas e associam-se a outras recentes. De certa maneira, a narração mostra-se inesgotável em significados. E além disso, ela tem muitos níveis de compreensão, e as pessoas os alcançam conforme as possibilidades existenciais, culturais e de problemática interior.

A psicologia tem-lhe trabalhado a importância, sob a forma de contos de fadas, de mitos, no sentido de ela verbalizar problemas profundos da psique e de tocar arquétipos humanos aos quais a escola de Jung mostrou especialmente atenção. A psicanalista Marie-Louise von Franz, discípula de Jung, vê

⁷ BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 13.

no arquétipo mais que um “pensamento elementar”, vê “uma fantasia e imagem poética elementar, uma emoção elementar e mesmo um impulso elementar dirigido a alguma ação típica”.⁸ Seguindo Jung, ela observa que há preconceito intelectualista contra o

fator afetivo-emocional que está presente na imagem arquetípica. Uma imagem arquetípica [...] é também uma experiência emocional – a experiência emocional de um indivíduo. Só se essa imagem arquetípica tiver um valor emocional e afetivo para o indivíduo ela poderá ter vida e significação.⁹

A mesma autora continua, observando que os contos de fadas levam a que o Self,

que é a totalidade psíquica de um indivíduo e também, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo, penetre na consciência. Cada indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica.¹⁰

2.5 Importância da narração

A riqueza narrativa de uma nação responde, por conseguinte, a seu inconsciente coletivo. E algumas narrações alcançam amplitude maior.

A psicanalista von Franz cita Platão, que relata como as “mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas – *mythoi*. Desde então, os contos de fadas estão vinculados à educação das crianças”.¹¹

Sem entrar nesse rico veio psicológico das narrações sob diversas formas, para nossa finalidade basta apontar o fato da relevância de tal experiência humana que a Sagrada Escritura

⁸ VON FRANZ, Marie-Louise. *A interpretação dos contos de fada*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 17.

⁹ *Ibid.*, p. 19.

¹⁰ *Ibid.*, p. 10.

¹¹ *Ibid.*, p. 11.

assume a fim de transmitir-nos manifestações de Deus. E nela se ultrapassa o caráter intelectualista puramente de pensamento, de ideia, para envolver o emocional, o afetivo, o sentimento e, por isso, o significativo existencialmente. Sobre o solo humano, afetivo, brotam os mitos, os sonhos, as narrativas primigênicas e, quando eles são contados e recontados, tocam a camada em profundidade das pessoas. E a revelação não descurou de tal dimensão humana.

A narração volta o olhar para as coisas contadas, para o evento de preferência ao narrador. Esse se esconde por detrás da narração, pondo-a no primeiro plano. Ela fala por ela mesma. Identifica-se com a coisa narrada e só num momento ulterior, em que perguntamos por quem fala, que narra. A tendência linguística estruturalista insiste em fazer o texto falar por ele mesmo. A narração relata-nos o fato e os protagonistas que estão a dizer-nos a mensagem a ser captada. Esta não se comunica pela lógica do raciocínio, mas segundo a natureza narrativa que visualiza a mensagem fundamental a ser transmitida na forma de pessoas, experiências, episódios, enredo, diálogos. A sua estrutura não se deixa, sem mais, transpor para o raciocínio especulativo. A narração insere o ouvinte em tempo e espaço que não lhe pertencem. Oferece ocular extraordinária para se interpretar o ordinário da vida.

Como nos contos de fadas, a narração arranca o ouvinte do tempo e do espaço para fazer-se presente a ele e para exprimir experiência profunda humana a ser atualizada, mas que carrega certa ancianidade.

Em contos de fada o tempo e lugar são sempre evidentes porque eles começam com "Era uma vez" – a "terra-de-ninguém" do inconsciente coletivo. "Muito mais adiante do fim do mundo e mesmo além das montanhas dos Sete Cães, havia uma vez um rei...". "Na extremidade da terra, lá onde o mundo termina com um muro...". "Na época em que Deus ainda